

RELATÓRIO: ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS 2021

30 de setembro de 2021



No presente Relatório, a **Wisdom Consulting** analisa os resultados das **Eleições Autárquicas** do passado dia 26 de setembro, nos seus impactos pós-eleitorais para os diferentes partidos políticos e distritos do país, tendo por referência fatores políticos pré-eleitorais que deram contexto ao período de campanha política e às próprias eleições.

SUMÁRIO EXECUTIVO

Resultados Globais

- Participação do eleitorado
- Distribuição percentual global da votação
- Total de Autarquias
- Número Total de Presidências de Câmara por partido político ou líder de coligação
- Número Total de Presidências de Câmara de Capitais de Distrito
- Taxa de alternância: 21,5%

Análise Política

- Contexto pré-eleitoral
- Resultados por Partido
- Resultados por Distrito



SUMÁRIO EXECUTIVO



Pela 3.ª vez consecutiva o PS volta a ser o vencedor das eleições autárquicas, com o maior número presidências de câmaras e de vereadores, mas politicamente sai penalizado.

Para essa perceção muito contribuiu a perda de 5 capitais de distrito: Lisboa, Coimbra, Portalegre e Funchal para o PSD; Guarda para um independente.

O PSD surge como o vencedor político da noite eleitoral: recupera peso político nacional diminuindo em número a diferença de presidências face ao PS; obtém a maioria das capitais de distrito (11); aumenta o número de vereadores. Riu Rio «ganhou nova vida» política e sai reforçado, já que conseguiu cumprir todas as prioridades e metas por ele estabelecidas - «estamos em muito

melhores condições para vencer em 2023».

À boleia da perceção de alteração da tendência política nacional, o CDS, apesar de perder votos e vereações face a 2013, beneficiou da estratégia de coligação com o PSD e permitiu que a atual liderança se considerasse como uma vencedora das eleições.

O Chega ficou aquém das elevadas ambições da sua liderança, mas consegue, logo nestas primeiras eleições a que concorre e sem qualquer coligação, uma implantação nacional. Apesar de não conquistar qualquer presidência, consegue eleger 19 vereadores e ser a 3.ª força política nalguns dos principais municípios do país.

O PCP (CDU) volta a ter nestas eleições mais uma derrota que parecem comprovar o contínuo enfraquecimento: perde câmaras, vereadores e votos. Mantém a presidência de Évora e Setúbal, mas acumula mais 5 às 10 perdas em 2017. Em Lisboa consegue um bom resultado, pela transferência de votos do PS para a coligação CDU.

O BE tem também uma derrota nestas eleições, perdendo mais de 30.000 votantes e 2/3 dos mandatos face a 2017. Fica reconfirmada a sua incapacidade em se afirmar como um partido de implantação autárquica nacional.

O PAN e a IL não têm qualquer expressão autárquica, mas a IL consegue consolidar a sua votação nos centros urbanos enquanto que o PAN assiste a uma sistemática perda de expressão nacional.

Os movimentos de cidadãos (independentes, muitas vezes por dissidência dos seus partidos de origem) lideram agora 19 presidências, e conseguem ou mantêm importantes vitórias políticas: Porto, Oeiras, Figueira da Foz.

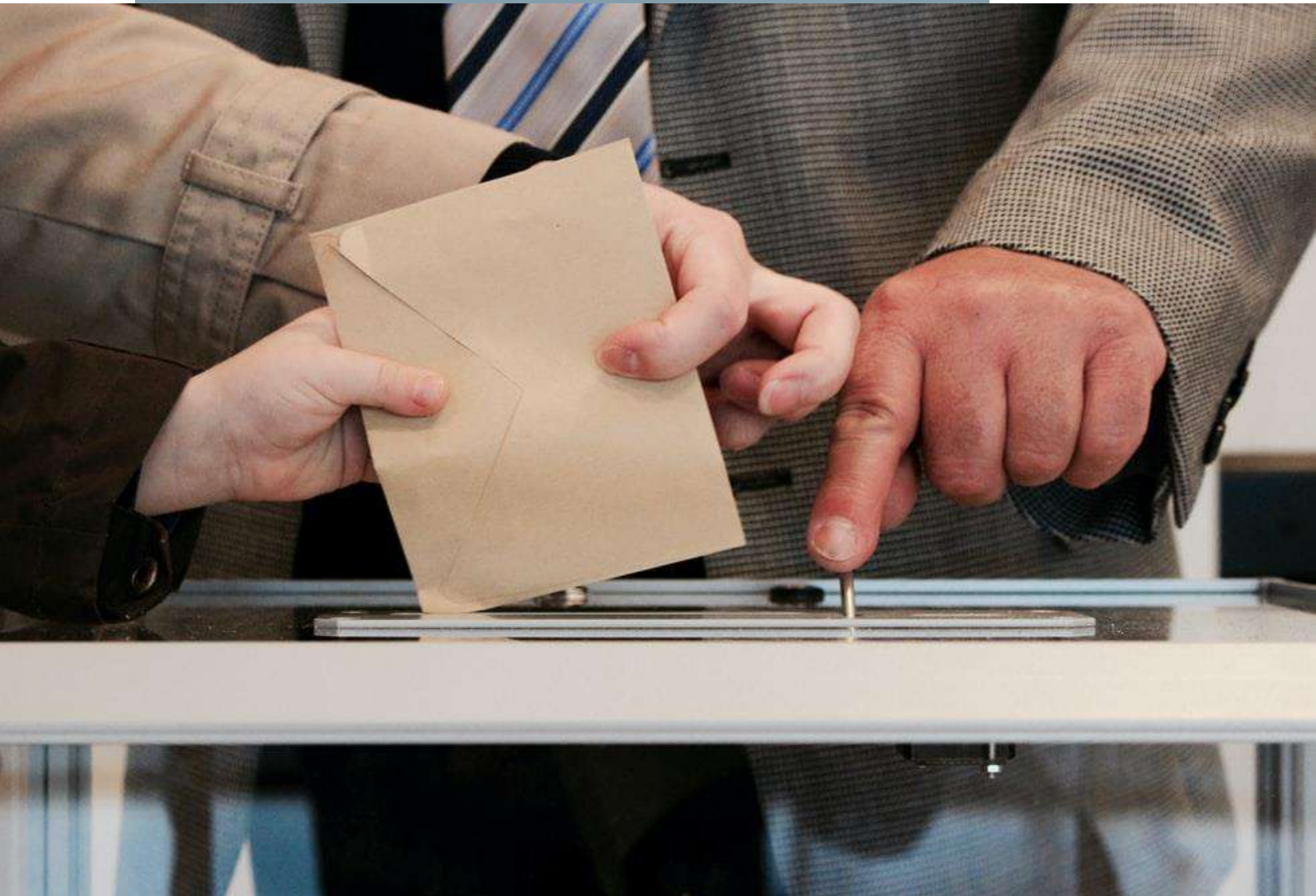
O grande derrotado da noite foi Fernando Medina que perdeu a presidência da Câmara de Lisboa - «foi uma derrota pessoal e intransmissível», assumiu. António Costa, pelo seu enorme envolvimento pessoal na campanha autárquica sai penalizado.

O grande vencedor foi Carlos Moedas,

liderando a coligação de direita em Lisboa. O novo presidente do executivo camarário reforça o seu peso político, ganha legitimidade por ter ido a votos e ter ganho «contra tudo e contra todos».

Consequência dos resultados eleitorais:

- o O cenário de provável alteração das atuais lideranças do PSD e CDS-PP fica mais incerto.
- o O Primeiro-Ministro poderá enfrentar dificuldades acrescidas na sua gestão política parlamentar de geometria variável com o PCP e BE.
- o Apesar de não ser possível projetar os resultados das atuais eleições autárquicas em intenções de voto para as próximas eleições legislativas, é incontestável que de momento está criada uma perceção de que uma direita unida pode alterar a preponderância do PS no quadro eleitoral nacional.
- o Está confirmada a reconfiguração da direita política, já antecipada nas eleições presidenciais: com a afirmação do partido populista Chega de André Ventura enquanto partido nacional e consolidação da Iniciativa Liberal no sistema partidário português.



RESULTADOS GLOBAIS



Participação do eleitorado

Do universo de 9.286.601 eleitores registados houve um total de 4.985.475 votantes, correspondendo a uma taxa de participação 53,68%, inferior à verificada em 2017. A abstenção sobre assim para os 46,3%, mais 1 pp que em 2017, a segunda taxa mais alta em eleições autárquicas.

Distribuição percentual global da votação nas eleições autárquicas 2021 (principais resultados superiores a 1%):

- PS
 - PS – 34,25% (1.707.580 votos, 885 mandatos)
 - PS.L - 1,62 % (80.822 votos, 7 mandatos)
- PSD
 - PSD- 13,25 % (660.425 votos, 437 mandatos)
 - PPD/PSD.CDS-PP - 10,85

% (540.706 votos, 239 mandatos)

- PPD/PSD.CDS-PP.A.MPT.PPM - 1,82 % (90.695 votos, 8 mandatos)
- PPD/PSD.CDS-PP.PPM - 1,41 % (70.451 votos, 30 mandatos)
- PCP-PEV - 8,18 % (407.738 votos, 146 mandatos)
- GRUPO CIDADÃOS - 5,56 % (276.989 votos, 134 mandatos)
- Chega - 4,16 % (207.175 votos, 19 mandatos)
- BE - 2,75 % (136.890 votos, 4 mandatos)
- CDS-PP- 1,49 % (74.208 votos, 30 mandatos)
- IL - 1,29 % (64.179 votos, 0 mandatos)
- PAN- 1,13 % (56.392 votos, 0 mandatos)

Fonte: MAI (27/09/2021)



Total de Autarquias

- 308 (278 no continente, 11 na Madeira e 19 nos Açores)
- Distribuídas por 18 distritos, mais Açores e Madeira

Número Total de Presidências de Câmara por partido político ou líder de coligação

- PS – 151 (em 2017 conquistou **159 autarquias**)
- PSD – 111 (em 2017 conquistou 98 autarquias)
- PCP/PEV – 19 (em 2017 conquistou 24 autarquias)
- Grupos de Cidadãos- 19 (em 2017 conquistaram 17 autarquias)
- CDS-PP- 6 (em 2017 conquistou 6 autarquias)

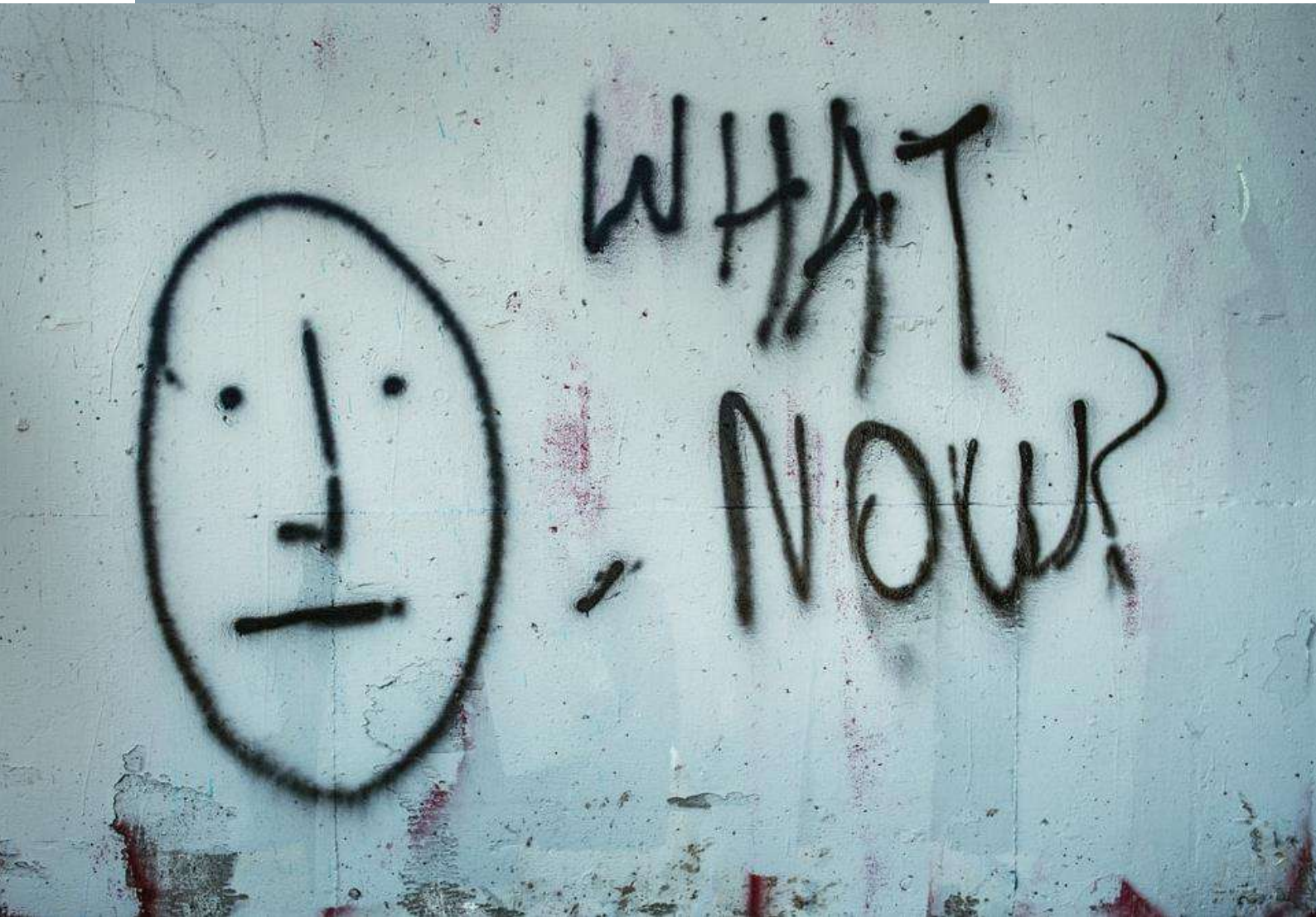
Dados a 27/09/2021

Número Total de Presidências de Câmara de Capitais de Distrito

- PSD – 11
- PS- 5
- PCP-2
- Movimento Cidadãos- 2

Taxa de alternância: 21,5%

- No total, 66 câmaras trocaram de partido



ANÁLISE POLÍTICA



CONTEXTO PRÉ-ELEITORAL

Vários fatores influenciavam as perspetivas para as eleições autárquicas de 2021:

Elevado número de recandidaturas, o que tradicionalmente, **atendendo ao histórico**, se traduzem em vitórias dos incumbentes, **antecipava uma forte tendência de manutenção do *status quo* de 2017.**

Um total 38 **presidentes** de câmara que **não se podiam recandidatar e por conseguinte, a existência de autarquias com maior possibilidade de alteração de cor política, representando 12,4% do universo das autarquias.** (PS – 20; PSD – 14; CDU -3; CDS-PP-1).

Recuperação pelo PSD do Governo Regional dos Açores.

O controle da pandemia, o início da recuperação económica e a aprovação do PRR.

O papel e os apoios das autarquias às populações durante a pandemia, reconhecida e valorizada pelo próprio Presidente da República.

As sondagens de intenções de voto que sistematicamente apontavam para uma clara vantagem do PS e para uma imagem favorável do PM, António Costa, e a relativa colagem dos media às perceções instituídas.

A campanha autárquica ultrapassou em muito a sua dimensão local e assumiu, pelas prováveis consequências políticas dos seus resultados no PSD e CDS-PP, mas também nos demais partidos, leituras de uma eleição nacional.



RESULTADOS POR PARTIDO

Partido Socialista (PS) - *Vitória, mas com menos Câmaras*

Beneficiando de uma conjuntura geral favorável - sucesso na campanha de vacinação e combate à pandemia; boa imagem do Primeiro-Ministro, fundos europeus excepcionais, a esmagadora maioria de câmaras em recandidaturas - parecia ter como garantida uma vitória neste ato eleitoral, mesmo que esta não se traduzisse na manutenção do mesmo número de presidências e vereações alcançadas em 2017 (o que representou um pico histórico para este partido), como se veio a verificar;

Assumindo que os resultados pudessem ser lidos como uma avaliação da governação, assistiu-se a um enorme envolvimento direto de **António Costa**,

especialmente em autarquias onde o resultado era mais incerto.

O PS volta a ser o vencedor das eleições autárquicas, «a 3.ª vitória consecutiva do PS», com o maior número presidências de câmaras e de vereadores. Face a 2017, o PS perdeu apenas dez autarquias, entre as quais Coimbra, Funchal e Lisboa.

Os objetivos do PS eram manter a maioria das câmaras e das freguesias para assegurar a maioria da Associação Nacional de Municípios e de Freguesias, além das mais importantes Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto foram alcançados.

RESULTADOS POR PARTIDO

Mas apesar de ser o vendedor das eleições, com mais autarquias e mais mandatos, foi politicamente percecionado como penalizado. Para tal contribuiu a confirmação da perda de Coimbra e do Funchal para o PSD e, sobretudo, a inesperada derrota da coligação do PS/Livre em Lisboa, que foi assumida pelo próprio António Costa como «uma derrota que penaliza qualquer partido».

As vitórias obtidas pelo PS em Castelo Branco, Almada, Amadora ou Beja, apesar de politicamente significativas, resultam de vitórias sobre a CDU ou independentes.

O mau resultado da CDU, que perde câmaras para o PS, antecipa maiores dificuldades nas negociações do Governo socialista com aquele partido em contexto político-legislativo.

A derrota em Lisboa parece liquidar as aspirações políticas de Fernando Medina, feita a ressalva da possibilidade de colocação no próprio governo aquando da remodelação da equipa ministerial, e reforça a posição de Pedro Nuno Santos para um cenário de sucessão da liderança de António Costa.

No rescaldo da noite eleitoral, Paulo Cafôfo demite-se da presidência do PS/Madeira.

Partido Social Democrata (PSD) – *A surpresa de Lisboa*

Assistiu-se ao longo do tempo a uma gestão de expectativas por parte de Rui Rio, muito condicionada pela política interna do PSD e o surgimento de potenciais rivais à sua liderança no próximo congresso do partido.

Em novembro de 2019, **Rui Rio** assumia que as eleições autárquicas seriam decisivas para o futuro do partido, reconhecendo que um mau resultado em 2021 seria dramático para os sociais-democratas. “Se queremos continuar a ser um grande partido, temos de ter mais presidentes de junta e presidentes de câmara”. Em janeiro de 2020, Rui Rio estabelecia como prioridade as autárquicas: «Temos de começar já a trabalhar nas autárquicas 2021» Em maio de 2021, prometia tirar consequências do resultado do PSD nas autárquicas, salientando que as eleições autárquicas eram muito importantes para o país e para o PSD.

RESULTADOS POR PARTIDO

Em junho de 2021 afirmava que «Estou convencido de que vamos ter um bom resultado [nas próximas eleições autárquicas]», sublinhando a importância dessa subida «na implantação do partido», para ter «melhores perspetivas de conseguir atingir o poder central».

Em início de julho assumia que caso o resultado de 2021 fosse pior que em 2017 (o pior de sempre do partido) seria «um encontrão para cair».

Em setembro já admitia não se recandidatar se fizer «igual, pior ou muito pouquinho melhor».

Na semana das eleições considerava que um bom resultado nas eleições autárquicas seria reduzir o número de câmaras lideradas pelo PS, «não em duas nem três» mas «mais do que isso», de forma «que se veja».

Esta sucessiva diminuição de expectativas permitiu que os resultados obtidos em 2021 fosse considerado como «um excelente resultado»

O partido recupera peso autárquico face aos resultados obtidos em 2017, conseguindo conquistar 111 presidências (mais 13 do que em 2017) e diminuir a sua diferença face ao PS em número de autarquias.

Consegue a presidência de 11 capitais de distrito, mais do dobro daquelas

conquistadas pelo PS (5). A vitória sobre o PS em 4 capitais de distrito - Lisboa, Coimbra, Funchal e Portalegre- tem uma grande expressão política.

Também em termos de mandatos o PSD obteve um melhor resultado do que em 2017.

A «vitória» é, no entanto, mais simbólica do que real. Mas a recuperação permitiu ao Partido poder afirmar que se está perante uma alteração de tendência da hegemonia autárquica do PS.

Rui Rio, foi um dos vendedores da noite, e consegue assim um importante reforço da sua pretensão de se manter na liderança do PSD. O expectável *day after* interno que se antecipava fica adiado. Paulo Rangel, crítico de Rio e o principal potencial candidato a uma futura liderança, não deixou de sublinhar que «é necessário uma leitura mais fina dos resultados».

RESULTADOS POR PARTIDO

Partido Comunista Português (PCP) – *Menos Câmaras, outra vez*

Jerónimo de Sousa estabeleceu como meta para estas eleições a CDU recuperar muitas das maiorias que perdeu nas últimas eleições autárquicas, sobretudo no Alentejo - «é importante proporcionar a um número mais alargado de portugueses os benefícios da gestão distintiva da CDU. É preciso por isso, consolidar e reforçar a sua força com mais votos e mais mandatos».

Nenhum dos objetivos estabelecidos foi alcançado.

Face a 2017, em que a CDU conquistou apenas 24 câmaras, menos dez câmaras que em 2013, as eleições de 2021 voltam a revelar-se uma pesada derrota para os comunistas com a perda de mais 5 autarquias.

Em termos nacionais, em 2021, obtém 8,18 % dos votos contra os 9,45% obtidos em 2017, uma diminuição de mais de 80.000 votantes, que se traduziu na perda de 25 mandatos.

Ou seja, o PCP não recupera o terreno perdido e ainda acumulam perdas adicionais para o PS a Sul.

Particularmente significativas foram a inesperada perda da câmara de Loures e incapacidade em recuperar Amadora e Almada ao PS. Apesar dos comunistas terem conseguido manter Setúbal e

Évora, a magra vitória face ao PS não auspicia cenários de crescimento futuro desta força partidária.

Este paulatino e progressivo «encolhimento» do PCP, explica que os resultados em Lisboa, onde se verificou um aumento da votação mas manutenção dos mandatos, tenham sido recebidos como um balão de oxigénio.

Analistas apontam João Ferreira como um potencial futuro do PCP a curto prazo.

O enfraquecimento do PCP que tem garantido a manutenção do Governo poderá tornar mais complexa a gestão política ao nível parlamentar.

Atendendo à proximidade do OE22 é de esperar um endurecimento das posições do PCP.

RESULTADOS POR PARTIDO

Partido Popular (CDS-PP) – Volta a perder votos

O CDS, tal como em 2017 mantém a presidência de 6 autarquias – Albergaria-a-Velha, Oliveira do Bairro, Ponte de Lima, Santana, Vale de Cambra e Velas -, mas, sem ser em coligação, conquista apenas 30 mandatos, menos 11 que em 2017.

Olhando para a votação no partido em termos nacionais, onde este concorreu sozinho verificou-se uma perda significativa de votantes.

No entanto, a estratégia de coligação com o PSD deu frutos e permitiu que a atual liderança se considerasse como vencedora da noite.

Francisco Rodrigues dos Santos, fez questão de sublinhar que o CDS superou todos os objetivos a que se propôs. E reforçou a ideia de que para uma alternância governativa à direita «O CDS é um partido insubstituível».

Tal como o PSD, o CDS terá Congresso para a liderança em Janeiro e a atual liderança é muito criticada pela acumulação de sucessivas derrotas e sondagens que apontam para o contínuo enfraquecimento da expressão eleitoral do partido. Não foi por isso de admirar que Francisco Rodrigues dos Santos embalado pelos resultados da coligação em Lisboa, onde o CDS consegue 2 presidenciais de junta,

tenha afirmado que « o CDS está a crescer, está vivo e recomenda-se». Adolfo Mesquita Nunes, um dos principais críticos à atual liderança, fez questão de distinguir os resultados obtidos pela coligação de direita do eventual mérito de Francisco Rodrigues dos Santos.

Bloco de Esquerda (BE) – Menos mandatos

Reconfirmada a incapacidade em se afirmar como partido de implantação autárquica nacional.

O BE, com apenas 12 vereadores eleitos em 2017, apostou em subir a sua expressão nacional e manter a sua influência em Lisboa.

Os resultados em 2021 foram assumidos como «um mau resultado».

O BE perde mais de 30.000 votantes e 2/3 dos mandatos face a 2017. O único motivo de celebração é a conquista de 1 vereador no Porto e a manutenção do vereador em Lisboa.

De qualquer modo, «a esquerda não negoceia com a direita»

RESULTADOS POR PARTIDO

Partido das Pessoas, dos Animais e da Natureza (PAN) – *Sem expressão local*

O PAN com uma expressão de 1% em 2017 e sem qualquer mandato aspirava poder melhorar em 2021 o seu desempenho.

Em 2021 o partido não consegue afirmar-se, mantendo, grosso modo, a sua votação em termos nacionais, mas sendo ultrapassado pelo Chega e IL na esmagadora maioria dos municípios.

O partido, sem ser em coligação com o PS, não consegue qualquer mandato.

CHEGA – *19 mandatos à primeira*

O Chega anunciou querer ser a 3.^a força partidária, mas baixou as expectativas com a André Ventura a assumir derrota apenas caso seja 5.^a força mais votada nas eleições; com ambições em obter vereadores nalguns municípios, era a grande incógnita da noite.

O resultado, apesar de ficar aquém das pretensões de André Ventura, foi positivo para esta força partidária que disputou pela primeira vez eleições autárquicas.

Não conquista qualquer autarquia, mas obtém 19 mandatos.

Torna-se a 3.^a força nalguns municípios.

Consegue uma implantação nacional.

Iniciativa Liberal (IL) – *Consolidação ainda por fazer*

A IL apostava na eleição de um vereador em Lisboa, tomando por garantida uma vereação no Porto onde o partido fez coligação com o movimento independente de Rui Moreira (recorde-se que muitos dos atuais dirigentes do IL foram apoiantes do Rui Moreira em 2017).

Nenhum dos objetivos foi alcançado.

A IL, excluindo coligação, reforça a sua votação urbana.

No entanto, a sua recusa em aderir à coligação de direita em Lisboa, permitiu que o BE mantivesse o mandato, o que está a ser alvo de muitas críticas.



RESULTADOS POR DISTRITO

Distrito de Lisboa

Tal como em 2017, ano das anteriores autárquicas, o PS elegeu 10 dos 16 presidentes de câmara no distrito de Lisboa.

O PS (só e coligado), apesar de ser o partido mais votado, diminui a sua expressão no Distrito de Lisboa, com 32,7% dos votos (cerca de 280,000 votos) face a 2017, quando obteve 37,7%.

Os socialistas mantiveram a liderança em nove municípios do distrito: Alenquer, Amadora, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Sintra, Torres Vedras, Vila Franca de Xira, Lourinhã e Odivelas. Conquista Loures à CDU e perde Lisboa para a coligação de direita liderada pelo PSD.

O PSD elegeu quatro presidentes de câmara no distrito de Lisboa, dois deles em coligações com outros partidos. O PSD, só e coligado, obtém 23% dos votos, mais 6 pp que em 2017. Conquista Lisboa, reforça posição em Cascais e na Amadora, mas perde votação em Sintra, Oeiras e Loures.

Em Lisboa, Carlos Moedas foi eleito numa coligação que juntou PSD, CDS-PP, Aliança, MPT e PPM, e em Cascais, Carlos Carreiras (PSD/CDS-PP) conquistou o seu terceiro mandato em Cascais. O PSD manteve as outras duas câmaras que já governava, Cadaval e Mafra.



A coligação PCP/PEV desce 2 pp face a 2017, obtendo 11,3% dos votos. Perde a presidência de Loures e votos na Amadora, Odivelas e Oeiras. Consegue um aumento da votação, mas manutenção dos mandatos em Lisboa.

O BE tem uma pesada derrota e diminui a sua expressão eleitoral no distrito face a

2017, conseguindo apenas manter 2 mandatos. O partido perde expressão em Lisboa, Sintra, Cascais, Amadora e Odivelas.

O Chega consegue ser a 3.ª força política mais votada em Sintra, Cascais e Odivelas e aí obter mantados.

	Lisboa	Sintra	Cascais	Oeiras	Amadora	Loures	Odivelas
Lisboa 2017	PS (Medina)– 42% CDS-20,67% PSD- 11,2% PCP -9,5% BE – 7,14%	PS (Basílio Horta) 43% PSD\CDS 29,0% PCP- 9,4% BE- 6,2%	PSD\CDS (Carreiras) – 45% PS- 29% PCP- 7,45% BE- 5,2%	Isaltino- 41,6% PS- 13,43% PSD\CDS - 8,7% PCP- 7,8% BE- 3,1%	PS (Carla Tavares) -47,97% PSD\CDS- 18,09% PCP- 12,22% BE- 6,94%	PCP (Bernardino Soares) - 32,76% PS- 28,24% PSD- 21,55% BE-3,55% CDS- 2,86%	PS- 45,08% PSD\CDS- 21,7% PCP-14,8% BE- 6,08%
Lisboa 2021	PSD/CDS/PPM /MPT/A (Carlos Moedas) - 34,26 % PS/L - 33,31 % PCP - 10,51 % BE – 6,20 % Chega- 4,41 % IL- 4,22 %	PS (Basílio Horta) - 35,25 % PSD\CDS/PPM/M PT/ A/PDT/RIR – 27,53% Chega- 9,09% PCP- 9,02 % BE- 5,81% IL – 2,68%	PSD\CDS (Carreiras) – 52,55% PS/PAN/L- 21,62% Chega- 7,42% PCP- 5,39% BE- 3,66%	Isaltino- 50,87% PS- 10,52% PSD\CDS -7,91% PCP- 5,24% BE/L/- 7,27% IL- 4,05% Chega- 3,71%	PS (Carla Tavares) - 43,88 % PSD/CDS/PPM/M PT – 24,65% PCP- 9.93% Chega- 5,44% BE- 5,33%	PS (Ricardo Leão) - 31,52% PCP- 29,05% PSD- 14% Chega- 8,42% BE- 3,88% IL- 3,34% CDS- 1,53%	PS- 44% PSD/CDS/PPM/M PT - 20,13% PCP- 10,83% Chega- 8,71% BE- 4,73%

A SURPRESA NA CAPITAL...

A surpresa da noite foi a inesperada eleição de Carlos Moedas (liderando a coligação PSD/CDS/PPM/MPT/A) para Presidente da Câmara de Lisboa; conquistando 7 mandatos e obtendo uma votação idêntica ao somatório dos partidos da coligação em 2017.

Carlos Moedas reforça o seu peso político, ganha legitimidade por ter ido a votos e ter ganhado «contra tudo e contra todos».

Fernando Medina (pela Coligação PS + Livre) foi o grande derrotado da noite eleitoral e, em grande medida, responsável pela leitura nacional dos resultados autárquicos. O PS abstém 7 mandatos.

As lideranças do PSD e do CDS classificaram a derrota do candidato do PS, Fernando Medina, como sinal do início de mudança e um "cartão amarelo" ao Governo de António Costa.

Rui Rio que jogava nestas eleições a manutenção da sua liderança no partido, aproveita o «excelente resultado» na capital e nas eleições para reforçar a sua posição. Deixou de ser questão a sua eventual não recandidatura à liderança e a percepção de vitória deixa fragilizados os potenciais rivais, designadamente Paulo Rangel.

De igual modo, o líder do CDS-PP, aproveitou a boleia dos resultados da noite para deixar recados aos seus críticos e reafirmar a sua intenção de se apresentar a Congresso como candidato contra Nuno Melo.

A derrota de Medina coloca em causa, ou pelo menos fragiliza, o seu próprio futuro político.

O PCP tem uma das poucas alegrias da noite, com João Ferreira, a conquistar mais votos para o partido, mas a continuar com o mesmo número de mandatos, dois.

O BE consegue eleger um vereador, mas perde votação.

A Iniciativa Liberal que apostou em Lisboa numa afirmação da sua individualidade (decisão muito influenciada pelo facto de no Porto surgir como apoiante do Movimento de Rui Moreira, dado grande parte da estrutura dirigente da IL ter emergido e ter relações próximas com aquele movimento) e na consolidação do seu resultado. Falha a eleição de um vereador e fica com uma votação idêntica ao Chega.

O Chega fica muito aquém das suas expectativas.

A governabilidade da Câmara será um desafio para o novo presidente caso não obtenha apoio do PS, já que tanto o PCP como o BE já tornaram público que não fazem acordos com a direita.

O DISTRITO DE LISBOA...

A direita consegue eleger apenas 7 vereadores dos 17 que compõem o Executivo municipal, e a Esquerda, ao todo, contabiliza 10 (7 do PS, 2 CDU, 1 BE). Na Assembleia Municipal, o Parlamento da cidade, encontra-se igualmente em minoria.

O novo Presidente da CML assume-se como homem de consensos, defendendo que é preciso “trabalhar em conjunto” e acabar com a “política da fricção”.

Amadora

A candidata socialista, Carla Tavares, foi reeleita e reforça a sua votação obtendo maioria absoluta.

A candidata Suzana Garcia, apoiada por PSD e CDS aumentou a votação na direita e conseguiu 3 mandatos.

Sintra

O PS vence, mas o candidato Basílio Horta perde a maioria absoluta em Sintra, ao alcançar 35,29% dos votos, obtendo cinco mandatos em 11 possíveis.

A coligação PSD/CDS-PP/Aliança/MPT/PDR/PPM/R.I.R, com o candidato Ricardo Batista Leite, conquista 27,52% dos votos elegendo quatro vereadores.

O Chega foi a terceira força política mais votada e elege um vereador.

Cascais

Carlos Carreiras foi reeleito em Cascais, com 52,55 % dos votos, um reforço notório face aos resultados eleitorais de 2017, com a coligação PPD/PSD.CDS-PP a conseguir mais 6421 votos do que há quatro anos. Elege 7 vereadores, mais um que em 2017.

Apesar de, nestas eleições, se apresentar coligado ao PAN e Livre, o PS perde expressão face a 2017. Obtém três mandatos.

O Chega ultrapassa a CDU conquista 7,42% dos votos e elege um vereador.

A CDU passa a 4.º força política, perdendo votos e o vereador.

Oeiras

Isaltino Morais também foi reeleito e reformou votação em Oeiras, naquele que será o seu 9º mandato à frente do concelho.

Com 50,86% dos votos, correspondentes a oito mandatos, mais dois do que os que já detinha, Isaltino Morais foi reeleito tendo vencido em todas as 5 freguesias do concelho.

O segundo partido mais votado foi o PS, com 10,52% e um mandato (que já detinha), e o terceiro foi o PSD/MPT, com 7,91% e um mandato (que já detinha). Em quarto lugar ficou o BE-Livre-Volt, com 7,27% dos votos, obtendo, pela primeira vez, um mandato para a autarquia de Oeiras.



Loures

A CDU perdeu a câmara de Loures, liderada desde 2013 por Bernardino Soares, e volta a ser socialista. Uma pesada derrota para o PCP e obtém 29% dos votos, menos 5 mil votos que 2017. Mantém os quatro mandatos.

O PS ganha com 31,52% dos votos, quatro mandatos, e Ricardo Leão é o novo Presidente da autarquia.

O PSD tem um decréscimo significativo e perde um mandato face a 2017, elegendo apenas dois vereadores.

O Chega conquista 8,4% dos votos e elege um vereador.

Almada

Reforçando a sua votação em 10pp face a 2017 a socialista Inês de Medeiros foi reeleita para o segundo mandato, com 39,9% dos votos. Reforçando a sua votação em mais 8000 votos, o PS elege 5

vereadores. É o melhor resultado para o PS na sua história neste concelho.

A CDU mantém as 4 vereações mas perde 7000 votos face a 2017. É frustrada a pretensão expressa da CDU em reconquistar este bastião.

A coligação PSD/CDS/PPM/MPT obtém neste concelho 10,71% dos votos, elegendo um vereador.

O BE elege um vereador e fica à frente do chega por 854 votos.



O PORTO

Sem surpresa, no Porto, o Movimento de Rui Moreira vence as eleições mas perde a maioria absoluta conquistada em 2017, conseguindo apenas 6 dos 13 mandatos do Executivo. Rui Moreira inicia assim o seu terceiro e último mandato à frente do Porto

O candidato do PS, Tiago Barbosa Ribeiro, desiludiu e disputou o segundo lugar com o PSD. Com 18% dos votos, o PS não foi além dos 3 mandatos.

Já o PSD, com Vladimiro Feliz, homem de confiança de Rui Rio, contrariando as expectativas, conquista 17,25% dos votos e elege 2 vereadores (mais um que em 2017). Ilda Figueiredo do PCP foi reeleita e o Bloco de Esquerda estreia-se na Invicta, com a eleição de Sérgio Aires. De notar que o PS reforçou a sua posição na região da Área Metropolitana do Porto. Os socialistas reconquistam Espinho e Vila do Conde, alargando a maioria de nove para 11 das 17 câmaras da AMP.

Portimão

Portimão não fez história nesta eleições governada pelos socialistas desde 1976. O PS volta a ganhar com ampla maioria, 39,88%, mantendo praticamente inalterada a sua votação de 2017 e os seus 5 vereadores. Isilda Gomes inicia agora o seu terceiro e último mandato na presidência da autarquia. A coligação PSD/PPM/MPT obtém neste concelho 17,5% dos votos, menos 7pp que em 2017 quando concorreu com o CDS, mas mantendo 2 mandatos. O CDS que concorreu em coligação com movimentos de cidadãos elege 1 vereador, com 13% dos votos. O Chega obtém 10,16% da votação e conquista 1 mandato. O BE perde a vereação e torna-se a 5.ª força política do concelho.

Wisdom Consulting

Tagus Space

Rua Rui Teles Palhinha, 10 - 3ºJ

2740-278 Porto Salvo

Tel: +351 214 414 359

E-mail: geral@wisdom.com.pt

www.wisdomconsulting.com.pt

 [/wisdomconsulting.wdm](https://www.facebook.com/wisdomconsulting.wdm)

 [/wisdomconsulting](https://www.linkedin.com/company/wisdomconsulting)

 [/wisdom.consulting](https://www.instagram.com/wisdom.consulting)